

Universidade de São Paulo
Faculdade de Educação
Programa de Bolsas Unificadas

**As atividades do Museu da Educação e do Brinquedo –
Organização do acervo e Ação Educativa**

Audrea Santos de Santana

Agosto/2017

Universidade de São Paulo
Faculdade de Educação
Programa de Bolsas Unificadas

**As atividades do Museu da Educação e do Brinquedo –
Organização do acervo e Ação Educativa**

Relatório final do programa de Bolsas Unificadas

Orientadora: prof. Marcia Gobbi

Audrea Santos de Santana

Agosto/2017

Índice:

1. Introdução

Histórico do MEB e suas ações educativas

Histórico do acervo MEB

2. Objetivos

Setor Educativo

Acervo do Museu

3. Metodologia

Diagnóstico do acervo

Processos de organização

Elaboração dos roteiros de mediação às exposições

4. Resultados

Identificação do acervo: Fundos e Coleções

Desdobramentos da organização

5. Conclusões

6. Referências

7. Anexos

Relatórios da mediação na exposição e visita técnica

1. Introdução

Este relatório tem a finalidade de apresentar as atividades realizadas no período da bolsa PUB em relação à documentação do museu e suas atividades educativas. Todas as atividades foram feitas em conjunto com os outros bolsistas, as professoras coordenadoras e a educadora do museu. Foram processos de muita interação e compartilhamento de ideias, partindo de bastantes leituras e discussões sobre os temas e principalmente muitas atividades práticas. Este período foi de grande desenvolvimento profissional.

Histórico do Museu e suas ações educativas

O Museu da Educação e do Brinquedo foi criado em 1999 pela professora Tisuko Mochida Kishimoto, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Este museu tem como acervo principal brinquedos e materiais educativos que datam de 1936 até os dias atuais, tendo mais de 2.000 itens na coleção. Além dos brinquedos o MEB conta com uma coleção de fotografias sobre as atividades pedagógicas da escola da educação primária da escola Caetano de Campos, um conjunto importante para pesquisas na área da educação infantil.

O MEB desde sua criação tem como um dos seus objetivos desenvolver pesquisas e ações educativas para seus públicos que é bastante diversificado, conforme o conceito de museu como uma instituição colecionadora que organiza suas coleções conforme a natureza e a finalidade específica a que se destinam, e que tem por objetivo fundamental realizar ações de salvaguarda, pesquisa e comunicação (PADILHA, 2014, 17p).

Atualmente o MEB é coordenado pelas pesquisadoras Ermelinda Pataca e Martha Marandino que vêm desenvolvendo ações para que o museu torne-se um ponto de referência na investigação sobre educação não formal e cultura material.

Histórico do acervo MEB

O acervo tridimensional do MEB é composto por aproximadamente 2.000 itens entre brinquedos, jogos e materiais educativos, atualmente organizados em 91 caixas, estantes e armários localizados em duas reservas técnicas nas dependências da Faculdade de Educação da USP, além de documentos fotográficos, textuais e audiovisuais tendo objetos e documentos desde o início do século XX até os dias atuais.

A maior parte do acervo que constitui o museu foi adquirido por meio de doações de alunos e professores da FEUSP como também pelo público que o frequenta estabelecendo assim, uma característica diferenciada nos processo de aquisição, pois guarda não apenas o objeto em si mas procura-se recuperar a memória de seu uso por meio entrevistas orais e escritas.

Ao longo de mais de 20 anos de atividades o museu já passou por diversas transformações na metodologia de guarda dos acervos dependendo da formação dos funcionários que passaram pelo museu e de seus projetos de trabalho.

As fotografias foram tiradas de seus álbuns neste processo de higienização que aconteceu por volta de 2010. As fotos não estão identificadas e possuem reproduções analógicas e digitais em baixa resolução.

Com a nova gestão fez-se necessário o resgate dos procedimentos utilizados para a guarda e a catalogação dos diferentes acervos que compõe o museu e, em 2016 com o programa de bolsa unificadas da Universidade foi possível estabelecer uma pessoa para se dedicar na organização destes acervos.

2. Objetivos

Os objetivos gerais das atividades realizadas no PUB de deslocam em dois eixos que se complementam, os processos da ação educativa e a organização do acervo do museu, pois com o avanço de uma atividade de um eixo naturalmente surgiam estratégias para o desenvolvimento do outro.

Objetivos da Ação Educativa:

- Elaborar em conjunto com a educadora do museu roteiros de monitoria que integre as exposições “Cenas Infantis” e “Educação e Museus” com as faixas etárias e os perfis das Escolas e grupos
- Pensar em monitorias lúdicas e críticas sobre questões sobre infância, brincadeiras tradicionais e cultura material;
- Divulgação do setor educativo: Ampliação das visitas por meio da divulgação do MEB nas redes sociais

Objetivos da Organização do acervo:

- Identificar todos os itens existentes no acervo, afim de estabelecer os fundos e coleções e ter uma dimensão do acervo do museu
- Criar ferramentas de controle e consulta
- Repensar as Políticas de acervo

3. Metodologia

Diagnóstico do acervo

Para dar inicio as atividades fizemos um mapeamento de todos os lugares que continham documentos e objetos que faziam parte do acervo do museu. Identificamos que o acervo estava identificar quatro áreas da Faculdade de Educação da USP, como mostra o quadro abaixo:

Locais de guarda do acervo MEB	
Local	Sala
MEB/FEUSP	Prédio B Sala 34 (setor educativo e administrativo)
MEB/FEUSP	Prédio B Sala 38 (antessala e sala das exposições)
LABRIMP/FEUSP	Prédio B Sala 42
Biblioteca/FEUSP	Sala de obras raras

Em alguns destes locais encontramos os objetos bastante sujos e mal acondicionados, as salas empoeiradas, caixas empilhadas em prateleiras muito altas, dificultando o seu acesso, presença de insetos, janelas quebradas e altos índices de temperatura e umidade o que prejudica intensamente a conservação e preservação dos objetos e documentos.

Para diagnosticar as condições de ambientais dos locais de guarda dos acervos é extremamente necessário o monitoramento da temperatura e umidade destes ambientes, para entender as questões de conservação destes acervos e reivindicar materiais, equipamentos e possíveis intervenções.

Neste primeiro mapeamento foi encontramos os seguintes itens nas salas:

- 42 caixas com documentos textuais, fotográficos, sonoros e audiovisuais e um gaveteiro de metal com documentos textuais na sala 34 do museu.
- 42 Caixas com brinquedos que apresentavam uma numeração de registro em sala do Labrimp.
- 79 esculturas em bronze que compõe a exposição Cenas Infantis da artista Sandra Guinle, na Biblioteca da FEUSP.
- Documentos textuais na biblioteca da FEUSP¹
- 48 Caixas sem numeração, cujos objetos não tinham nenhuma identificação na sala do Labrimp e na sala 38 do museu.
- Brinquedos soltos sem identificação em prateleiras, armários e no chão do Labrimp e na sala 38 do museu.
- Documentos textuais, sonoros, eletrônicos, fotográficos e iconográficos junto aos brinquedos.

Processo de organização

Após o mapeamento dos locais de guarda dos acervos tivemos uma dimensão de sua totalidade construindo assim um mapa topográfico do acervo. Para construir este instrumento de controle optou-se por instituir uma identificação de cada item levando em consideração o espaço em que ele está localizado, para assim garantir a uma maior segurança sob o acervo, identificando as principais características dos conjuntos, com A localização do acervo será identificada pelas por uma sequência (Prédio + sala+ face+ Estante/Prateleira) e conforme as abreviações constantes no quadro abaixo:

Abreviações para localização topográfica	
MEB	Museu da Educação e do Brinquedo
BIBLIFEUSP	Biblioteca da Faculdade de Educação da USP
LAMBRIMP	Laboratório de brinquedos e materiais pedagógicos
SL	Sala
RT	Reserva Técnica
F	Face (onde está o mobiliário)

¹ Itens não identificados.

V	Vitrine (das exposições)
CX	Caixas
E	Estante
P	Prateleira
GAV	Gaveteiro
GT	Gaveta



Figura 1 - brinquedos embalados da reserva técnica 01

Para compreender melhor as características de cada conjunto, elaboramos uma planilha com campos que contemplassem o máximo de informações sobre os conjuntos como sua localização exata, seu gênero, descrição básica e estado de conservação, separamos os acervo por gênero (tridimensional, fotográfico, audiovisual, sonoro, iconográfico, textual e eletrônico) sem perder suas devidas referências e dentro do possível pela estrutura disponibilizada

organizamos duas reservas técnicas para o acervo tridimensional na sala 38 (RT01) e sala

42 (RT02) criando rotinas de higienização do espaço e de monitoramento da temperatura e umidade com termo-higrômetro.

Para fazer a revisão nas caixas com brinquedos e materiais educativos que já apresentavam um número de tombo retiramos todos os brinquedos das prateleiras e caixas, higienizamos e embalamos em plástico-bolha. Conferimos as caixas e comparamos com as listagens já existentes. Alguns brinquedos estavam nas caixas erradas e outros ainda estão extraviados. Optou-se por não mudar a configuração da listagem colocando apenas a informação atualizada, pois esta serviria como



Figura 2 - Caixas da reserva técnica 02

um primeiro instrumento de consulta ao pesquisador.

Separamos e embalamos as bonecas mais danificadas, que ficarão aguardando verba pra seu descarte, ao todo são 24 bonecas dispostas em 11 sacos na reserva técnica 02. Os brinquedos em grande formato também foram higienizados, acondicionados e permanecem acomodados nas duas reservas. Buscamos os instrumentos de catalogação que existiam nos computadores e gavetas do museu e percebemos que as listagens e fichas estavam com poucas informações e abrindo algumas caixas encontramos algumas informações sobre os brinquedos sem identificação. Pesquisando nos arquivos institucionais e nas entrevistas dos antigos gestores do museu encontraram-se algumas informações sobre a metodologia usada pra elencar tais categorias e ordenar os objetos. Neste processo perceber-se pelo menos duas formas de registro:

- Abreviação da categoria + subcategoria + n° de tombo do objeto + n° do objeto dentro da categoria.

Ex: *Código: Ba 05 30 - Categoria: Ba Menina – 56*

- Abreviação da categoria + n° de tombo do objeto

Ex: *CS 141 1009*

- Abreviação do museu + ano de entrada do objeto a coleção + numero de registro²

Ex: *MEB/2012 023*

Aproximadamente 1.500 objetos dentre eles brinquedos jogos e materiais educativos receberam números de tombo e foram classificados em algumas categorias e subcategorias que ao longo de muitas modificações perderam seu caráter agregador.

No quadro a seguir elencamos todas as categorias de brinquedos e materiais educativos encontrados no museu:

² Faço uma diferenciação entre número de tombo e registro, pois, o tombamento dos itens consta num livro tombo do museu que de 198_ Até 2003 enquanto as outras numerações contam apenas na descrição dos objetos adquiridos entre 2010-2013.

Categoria	Abreviação	Sub Categoria (oficial)	Informações encontradas nos arquivos sobre o acervo.
Acessórios	AC	Acessório Ba Massa, acessório casa, acessório de cozinha, acessório bebê	
Artigos de enfeites	AE		
Tradicional	Ta	tradicional, estrangeiro,	
Artesanal	At	artesanal, escolar, estrangeiro, indígena, regional, típico.	
Boneca	Ba	Artesanal, bebê boneco, fantoche, louça, menina, mini, pano, típica, massa,	Objetos que representam figuras humanas e que têm função de boneca, independente do sexo (menino ou menina). A categoria a que o objeto pertence é sempre a característica mais forte que o define.
Brinquedos Comerciais	BC	Hominhos, bichinhos, bonecos, bonequinhos, brinquedos outros, promocionais.	objetos que não se encaixam em outras categorias por suas características de “brinquedos de massa”, específicas relacionadas ao consumo, à televisão etc. (normalmente são brinquedos das décadas de 80 e 90). Quando o objeto couber em outra categoria (por ex. boneca ou veículo) será “massa”.
Brinquedos industrializados	BI		

Bicho de Pelúcia	BP		
Bichos		bicho de pelúcia, pelúcia mini, bicho outros.	
Casa	CS		
Educativos		Livros, montar, outros.	
Jogos	Jo	Jo Quebra cabeça, Jo regras, Jo Percurso, Jo Educativo, Jo eletrônico, Jo Montar.	
Miniaturas	Mn		
Objetos de atirar	AO		armas, bодоques, arcos e flechas, estilingues, zarabatanas etc.
Objetos musicais	OM		todos os tipos, inclusive objetos sonoros que não produzem notas musicais, mas produzem sons (ex.: matracas, reco-reco, idiofone etc.): caixinhas de música, brinquedos, instrumentos infantis ou adultos.
Pedagógicos	Pd	Pd jogo, Pd Montessori, Pd Decroly, Pd Froebel, Pd outros.	
Suporte Papel	SP	Cadernos, Livros, Álbums, Imagens.	
Outros			Nesta categoria entrarão todo e qualquer brinquedo que não se encaixe em nenhuma outra

			categoria.
Veículos	Ve	Ve artesanal, Ve Pedagógico, ve carro, ve forças armadas, Ve avião. Ve trem, ve foguete, ve massa, ve pista, ve outros.	

A parte do acervo que estava sem número de identificação foi descrita de forma simples observando as características de cada objeto e com informações encontradas em formulários, caixas e bilhetes que estavam junto aos objetos. Foram em torno de 500 brinquedos identificados. Pra esta identificação foi criada uma ficha de descrição³ em papel que mais tarde integrou a planilha de identificação.

Os demais acervos encontram-se na sala 34 sendo que todo o acervo fotográfico fica biblioteca da FEUSP assim que terminar sua organização por este local atender melhor as condições de conservação.

Para a organização destes itens elaborou-se uma planilha interna de descrição⁴ pra cada gênero documental contendo os seguintes itens⁵:

Caixa: numeração da caixa em que se encontra o objeto.

Localização topográfica: Localização física do objeto (Prédio, Sala, estante, prateleira).

Fundo/coleção: identificação do conjunto

Número de registro/tombo (antigo): identificação dada pelo museu aos objetos

Categoria (antigo): Geralmente é baseada na função do item e consta nos acervos tridimensionais

Código de registro: novo código a ser definido pelo museu após finalização dos processos de descrição

⁴ Foram alimentadas com informações apenas as planilhas do gênero fotográfico e tridimensional.

⁵ COSTA, 2006.

Objeto: definição simples dos objetos (esta ajudará na identificação das novas categorias)

Título: se houver

Descrição: Uma descrição física completa do objeto: detalhe de forma, cor e acabamento são importantes. A descrição deve ainda ser curta, clara e concisa.

Data referência: data de fabricação/produção do item.

Cromia (no caso do acervo fotográfico): identificar se a fotografia é colorida ou Preta e Branca

Histórico do Material: inserir as informações advindas dos doadores, seus modos de uso e memórias com o item. Cabem também informações históricas sobre sua produção.

Local de procedência: Local de onde provém o objeto ou onde o objeto foi encontrado

Suporte: Principais materiais de confecção do item

Dimensão: dimensões do item (A x L x C) em centímetros

Quantidade: números de partes e/ou peças que compõem.

Cópias em papel (no caso do acervo fotográfico): quantificação das cópias da fotografia

Localização das cópias (no caso do acervo fotográfico): inserir a Cópia digital (no caso de acervo fotográfico)

Produtor/Fabricante: identificar quem produziu o item

Exemplar/réplica: identificar se existem peças iguais (no caso do acervo tridimensional)

Tipo de aquisição: forma de ingresso do item ao museu (compra doação ou permuta)

Dados de incorporação: informações da aquisição do item (nome do doador, ano de aquisição).

Estado de conservação: O estado em se está o item

Restauração: se o item já passou por alguma intervenção.

Exposições: Quantas vezes o item foi exposto.

Objetos associados: Se faz parte de algum conjunto dentro da coleção/fundo.

Observações: informações adicionais.

Descarte: justificativa para retirada do item da coleção/fundo.

Esta planilha servirá como base para o banco de dados a ser elaborado está sendo alimentada conforme os avanços na descrição os acervos. Por questões de conservação optou-se por identificar o acervo por gênero documental, ou seja, textual, fotográfico, bibliográfico, iconográfico, sonoro, audiovisual, eletrônico e tridimensional garantindo o critério da proveniência.

Princípio da proveniência: fixa a identidade do documento, relativamente a seu produtor. Por este princípio, os arquivos devem ser organizados em obediência a competência e as atividades da instituição ou pessoa legitimamente responsável pela produção, acumulação ou guarda dos documentos. Arquivos originários de uma instituição ou de uma pessoa devem manter a respectiva individualidade, dentro de seu contexto orgânico, não devendo ser mesclados a outros de origem distintas⁶.

Elaboração dos roteiros de Visitas às exposições

Pra pensar nas atividades e visitas que faríamos no museu para as escolas, todos os bolsistas, a educadora e as coordenadoras discutimos textos referência sobre educação não formal, quais são os públicos que estavam procurando as visitas e como seria a mediação para os diferentes públicos.

As tendências atuais entendem a comunicação em museus como um processo cultural (HOOPER-GREENHILL, 1999a) que acontece não em uma única via, mas em via dupla, dos especialistas até o público e do público até os especialistas. Nessa abordagem, o significado é construído por meio de um processo ativo de negociação de saberes e experiências, no qual todas as partes trabalham em conjunto para produzir interpretações compartilhadas.⁷

Elaboramos em conjunto um roteiro pra crianças de 03 a 06 anos que envolvia a mediação da exposição “Cenas Infantis” da artista Sandra Guinle e da exposição de brinquedos e jogos.

⁶ Belloto, 2006, 88p.

⁷ MARANDIVO, 2008,17p.

As esculturas da Sandra Guinle ficam no segundo andar da biblioteca da FEUSP e são obras que retrata as singelas brincadeiras da infância. Para iniciar a visita fazíamos uma brincadeira de apresentação em que já fazíamos uma pequena interação sobre o que as crianças gostavam de brincar, no intuito de utilizar essa experiência como partida para conversas dentro da exposição. Depois da apresentação normalmente dividíamos as crianças em dois grupos e realizamos a visita nos dois espaços de formas diferentes mas que se complementavam na oficina final.

O mediador deve, ao planejar suas ações e ao realizar a mediação com o público, considerar que este não deve ser exposto a longos períodos de exposição oral, não deve ser submetido à leitura de textos imensos, mas deve, sim, saber se localizar, se sentir à vontade para interagir, podendo dialogar com seus pares e com o mediador.

Pensamos na visita como uma forma de troca e interação do público com o espaço então pensamos em cada parte das exposições partindo sempre das falas das crianças e dos que mais chamava a atenção delas. Muitas já tinham um conhecimento prévio sobre as esculturas, mas sempre demonstravam surpresa quanto o tamanho das obras e pelo fato de poderem tocá-las. Nesta exposição às crianças cantavam cantigas e cirandas partindo da observação das esculturas.

Na exposição de brinquedos eles interagiam bastante relacionando seus próprios brinquedos com os que viam nas vitrines, principalmente os brinquedos eletrônico como o Atari e outros videogames, como também as bonecas que elas sempre falavam que talvez suas vós tenham tido algumas parecidas. Foi muito interessante observar que as crianças mesmo tão pequenas, conseguiram relacionar as vivências lúdicas de seus familiares com o que viam na exposição.

Ao final das mediações fazíamos uma oficina de fabricação de petecas, que é uma das obras que aparecem em “Cenas Infantis” e de barquinhos de papel partindo de uma contação de histórias.



Figura 3 - Visita técnica aos alunos de Doutorado da Psicologia da USP

Com as novas demandas de escolas com alunos mais velhos e alunos da graduação e pós, elaboramos novos roteiros seguindo a mesma estrutura de mediação, mas com maior complexidade nos diálogos e também montamos um roteiro de visita técnica, falando do museu e os processo com o seu acervo, além das outras atividades que envolvem o MEB.

4. Resultados

Descrição dos fundos e coleções

A identificação dos fundos e coleções foi feita com bases nas orientações da NOBRADE – Norma Brasileira de Descrição de arquivos. Com estas informações podemos ter uma dimensão de todo o acervo e seu estado de organização. Partindo da observação e avaliação dos objetos e documentos sob a guarda do museu identificou – se as coleções e fundos⁸, neste processo estabelecemos seus códigos de referência partindo das seguintes indicações da Nobrade: o código do país (BR), o código da entidade custodiadora e o código específico da unidade de descrição. Esta pode se configurar como um instrumento de pesquisa pra a divulgação e acesso a informações. Foi feita uma proposta de nomeação dos conjuntos tendo a seguinte configuração⁹:

Fundo Institucional do Museu da Educação e do Brinquedo

Código de referência: BR MEB/FEUSP MEB

⁸ Não foram considerados os documentos digitais.

⁹ Está configuração necessita da aprovação da coordenação do museu para ser efetivada.

Título: Museu da Educação e do Brinquedo

Data-limite: 1984 -

Nível de descrição: Fundo (aberto)

Dimensão e suporte:

Textuais: 01 caixa e 02 gavetas com documentos como relatórios, fichas, livro tombo e catálogos.

Fotográfico: 03 caixas – arquivos, 02 álbuns com fotografias coloridas e negativos.

Iconográfico: 02 caixas e 01 pasta com cartazes, capas de discos e presépios.

Audiovisual: 02 caixas poli-onda de fitas VHS, 03 caixas pequenas de CDs/DVDs.

Bibliográfico: aproximadamente 60 livros

Sonoro: 01 caixa com LPs.

Procedência: A documentação vem sendo produzida e acumulada conforme o desenvolvimento das atividades de museu.

Coleção Alice Meireles

Código de referência: BR MEB/FEUSP AM

Título: Alice Meireles Reis

Data-limite: 1920-1940

Nível de descrição: Coleção

Dimensão e suporte:

Textuais: Revistas e cadernos, localizados na BIBLIFEUSP¹⁰.

Fotográfico: 08 caixas com fotografias e negativos.

Procedência: O acervo foi doado por Alice Meireles Reis.

¹⁰ Estes documentos ainda não foram identificados.

História Arquivística:

Os álbuns foram doados pela ex-professora do Jardim da Infância do Colégio Caetano de Campos, Alice Meireles Reis em 1982 para professora Tisuko sob a condição da criação de um museu da educação para abrigar esse acervo.

As fotografias foram todas higienizadas e acondicionadas, porém, neste processo as fotos foram retiradas de seus álbuns perdendo assim sua ordenação original. Em 2016 iniciamos um processo de identificação desse acervo numa tentativa de reestabelecer sua ordem antiga, ligando as informações contidas nos álbuns com as imagens. As fotos estão organizadas por data e algumas já estão ordenadas conforme estavam em seus álbuns, mas este processo não foi finalizado devido outras demandas do museu.

Começamos a elaboração da planilha de identificação do acervo fotográfico definindo cada álbum como uma missão fotográfica, pensando numa notação para cada foto seguindo este esquema: *Código de referência da coleção+ número do Álbum (AX) + sequência numérica*. EX: BR MEB/FEUSP AM A01.001. A planilha está finalizada e foi sendo alimentada conforme a ordenação física das fotografias. Os álbuns físicos foram guardados num pasta e constam no registro fotográfico.

Colecção de esculturas da artista Sandra Guinle – Exposição Cenas Infantis

Código de Referência: BR MEB/FEUSP SG

Título: Esculturas da artista Sandra Guinle

Data-limite: [20--]

Nível de descrição: Coleção

Dimensão e suporte:

Tridimensional: 79 esculturas em bronze que compõe a exposição Cenas Infantis, localizada na sala de leitura do 2º andar da Biblioteca da FEUSP.

Procedência: As obras foram doadas pela artista em 2012.

Coleção de Brinquedos e Jogos

BR MEB/FEUSP BJ

Título: Brinquedos e jogos

Data-limite: [1924 – 2014]

Nível de descrição: Coleção (aberta)

Dimensão e suporte:

Tridimensional: 90 caixas com mais de 2000 brinquedos e jogos.

Procedência:

Os objetos foram adquiridos por meio de doações de empresas de brinquedos, funcionários e professores da FEUSP e também por frequentadores do museu. Boa parte dos itens tem fichas ou termos de doação.

Coleção de Materiais Educativos

Código de referência: BR MEB/FEUSP ME

Título: Materiais educativos

Data-limite: não identificado.

Nível de descrição: Coleção

Dimensão e suporte: A coleção é composta de materiais produzidos por alunos e/ou professores em atividades educativas. Estes materiais estão misturados com a coleção de brinquedos e estão em fase técnica de identificação.

Procedência: Os objetos foram adquiridos por meio de doações de funcionários e professores da FEUSP.

Coleção Liga das Senhoras Católicas

Código de referência: BR MEB LSG

Título: Liga das senhoras Católicas

Data-limite: Não identificado

Nível de descrição: Coleção

Dimensão e suporte:

Fotográfico: 01 caixa com fotografias.

As fotos estão juntas a coleção Alice Meireles e não estão identificadas.

Procedência: Não identificado

Coleção Tisuko Kishimoda

Código de referência: BR MEB TK

Título: Tisuko Morchida Kishimoto

Data-limite: Não identificada

Nível de descrição: Coleção

Dimensão e suporte:

Textual: 17 caixas com documentos ainda em processo de identificação.

Procedência: Doado pela professora Tisuko.

Desdobramentos da Organização

Os processos técnicos relacionados à organização e preservação do acervo do Museu da Educação e do Brinquedo estão em andamento, e conforme seu desenvolvimento novas práticas vão se configurando. Com a organização do acervo tridimensional foi possível localizar os objetos pertinentes de forma rápida e com informações mais precisas, o que auxiliou na produção de uma mostra na Semana de Ciência e Tecnologia da USP e também da última exposição “Brincar ou aprender”, ainda em cartaz.

Mas pra além da parte visível ao público, os trabalhos realizados puderam ajudar na criação de rotinas de conservação destes objetos, na conscientização da importância desse acervo para a instituição e na sua diversidade de usos, a partir do momento em que se detêm as informações sobre os acervos.

Porém o trabalho técnico deve ser contínuo e interligado também com ações estruturais como a limpeza adequada dos espaços, controle ambiental das reservas técnicas a revisão periódica dos instrumentos de controle e de consulta e criação de normas de uso e consulta. Com essas ferramentas podem ser criados indicadores que fundamentaram novos projetos assim como modificações levando em consideração as necessidades do museu e de seu acervo.

5. Conclusões

As atividades do MEB neste período foram bastante intensas pois assumimos junto com a coordenação ações para o desenvolvimento e divulgação do museu em relação ao acervo e principalmente no atendimento ao público que vem aumentando a cada bimestre. Penso que esses avanços foram tão significativos pelo compromisso e integração de todos da equipe MEB que é multidisciplinar e envolve bolsistas da graduação e pós-graduação. Todos pensavam e discutiam junto sobre a diversidade de



Figura 4 - Equipe MEB 2017

ações feitas no museu e utilizando as experiências de cada um e sob a orientação das coordenadoras pudemos desenvolver muitas coisas. Esse foi um período em que me desenvolvi muito profissionalmente, pois pude colocar em prática muito de meus conhecimentos na área com autonomia, mas sempre em conjunto com meus colegas

bolsista. Agradeço esta oportunidade, pois, aprendi muito com eles e também com a educadora do museu que por ser Pedagoga tem um olhar sensível para infância e as crianças, fator muito importante na elaboração dos roteiros de visitas.

6. Bibliografia

- BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. NOBRADE: **Norma Brasileira de Descrição Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.
- BELOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- CASSARES, Norma Ciaflone; MOI, Cláudia. **Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas**. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo e Imprensa Oficial. 2000.
- COSTA, Evanise Pascoa. **Princípios básicos da museologia**. Secretária do Estado de Curitiba, 2006.
- FILIPPI, Patrícia de; LIMA, Solange Ferraz; CARVALHO, Vânia Carneiro. **Como tratar coleções de fotografias**. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo e Imprensa Oficial. 2002.
- LOPEZ, André Porto Ancona. **Como descrever documento de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo e Imprensa Oficial. 2000.
- MARANDINO, Martha. **Educação em Museus: A Mediação em foco**. São Paulo: GEENF/ FEUSP, 2008.
- PADILHA, Renata Cardoso. **Documentação Museológica e Gestão de acervos. Coleção de Estudos Museológicos, Vol.02**. FCC, Florianópolis, 2014.
- TESSITORE, Viviane. **Como implantar centro de documentação**. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo e Imprensa Oficial. 2003.
- Manual Prático: Como gerir um museu. ICOM, 2004.

7. ANEXOS

ANEXO I – Alguns relatórios da mediação na exposição

Data: 22/09/2016

Horário: 14:00 às 15:30

Escola da Prefeitura de Guarulhos Manuel Bandeira

Mediação da Exposição Cenas Infantis – Sandra Guinle

Número de crianças: 19 alunos

Faixa Etária: 5 anos

Fizemos a visita mediada para escola infantil da prefeitura de Guarulhos, foram 19 crianças entre 5 e 6 anos. A turma foi dividida em dois grupos para melhor aproveitamento das atividades. Um grupo foi à sala do MEB para oficina de brinquedos



Observação das esculturas.

e outra no segundo andar da biblioteca para exposição das esculturas. Foi realizado um acolhimento com os grupos onde foi apresentado um pouco sobre o espaço e as regras para a visita.

Na exposição foram apresentadas cada uma das esculturas e foi feito diálogos sobre o conhecimento que eles tinham sobre as brincadeiras e como eram feitas as esculturas. Todos os alunos puderam tocar nas obras e ficaram bastante interessados, principalmente pela escultura das crianças pulando corda e a ciranda. Em ambas elas cantaram e interagiram de forma alegre e espontânea.

A professora que acompanhava questionou os alunos sobre a tridimensionalidade das obras e suas formas, pois eles participavam de um projeto chamado "brinquedos e brincadeiras" e ao voltar à sala de aula fariam esculturas sobre o que viram na

exposição. Os alunos ficaram empolgados pelas obras táteis fazendo uma prática de fechar os olhos e tentar descobrir os desenhos dessas obras. Outro fato interessante é que eles ficaram curiosos com as assinaturas da artista, e o fato dela ainda estar viva.

De forma geral a visita foi proveitosa, pois os alunos se colocaram bastante e interligaram suas vivências (em parques, e no recreio) com o que viram na exposição.

Data: 05/10/2016

Horário: 09:00 às 16:00

Fundação Bradesco

Mediação da Exposição Cenas Infantis – Sandra Guinle

Número de crianças: 50 alunos

Faixa Etária: 06 -07 anos

As turmas da Fundação Bradesco vieram a exposição no período da manhã (9:00-10:40) e no período da tarde (14:00 - 16:00). Em ambos os períodos as turmas foram divididas em dois grupos entre 11 e 13 crianças, um grupo visitou a exposição na biblioteca enquanto o outro fazia a oficina de confecção de petecas na sala do MEB.

A visita mediada à exposição Cenas infantis foi bastante proveitosa, pois os alunos conheciam bastante sobre a história da artista possibilitando discussões novas discussões sobre as obras e o espaço em que elas estão. Alguns alunos ficaram de inícios receosos em tocar nas esculturas, pois como um deles mesmo ressaltou “no outro museu não podia tocar em nada”. A partir dessa colocação do aluno conversamos sobre os outros lugares culturais a turma já tinha ido e como eles se comportavam nesses locais. Os alunos falaram bastante dos parques que já tinham ido e dos brinquedos que já tinha visto e que estavam representados nas esculturas da artista.



Alunos da Fundação Bradesco.

“Eles interagiram com todas as obras, principalmente com a “Pulando foguinho” em que cantaram as músicas de pular corda e a escultura” toda menina quer ser bailarina” em que algumas meninas questionaram o título da obra dizendo que desejavam ser outras coisas com dentista e professora. Os alunos dessas turmas foram muito

participativos colocando novas questões sempre bastante pertinentes ao contexto da exposição, o que torna tão valiosa a interação as crianças com as mais diversas formas artísticas.

A professora que acompanhava o grupo falou também das suas lembranças de criança ao ver a escultura “treme-treme” deixando os alunos curiosos sobre como era a sua infância.

As turmas se mostraram bastante interessadas pela historia dos brinquedos no MEB e do porquê existir um museu dedicado a essa temática. Foi bem interessante observar como eles imaginavam que seria um museu de brinquedos “antigos”, alguns disseram que teriam brinquedos de madeira e outros não conseguiam imaginar do que seus avós brincavam.

Data: 18 a 22/10/2016

Mediação da exposição Cenas Infantis Exposição do museu na CDI

Número de participantes: em torno de 120 pessoas

Faixa Etária: Entre 06 e 70 anos



Figura 5- atividades da Semana de Ciência e Tecnologia da USP

Para a Semana de Ciência e Tecnologia da USP, organizamos uma pequena mostra com os principais brinquedos que estavam expostos no museu. Foram cerca de 30 brinquedos entre bonecas, carros, videogames e ferroramas de 1940 a 1980. Tivemos mais de 120 pessoas visitam a exposição e também os painéis que contavam o processo de criação das esculturas de bronze da artista Sandra Guinle.

Junto a mostra foi realizada duas oficinas de brinquedos para crianças e adultos. Os

participantes, em sua maioria adultos, entre 30 e 40 anos ficavam muito emocionados ao ver os brinquedos de sua infância, ou aqueles em que sonhavam ter quando criança, eles nos contavam suas lembranças e falavam o quanto foi importante a participação do MEB no evento pois relacionava o aprender com a ludicidade do brincar num espaço só.

Data: 25/10/2016

Horário: 14:00 às 15:30

Escola Gracinha

Mediação da Exposição Cenas Infantis – Sandra Guinle

Número de crianças: 25 alunos

Faixa Etária: 06 anos

Nesta mediação a turma foi dividida em dois grupos, os alunos já conheciam o trabalho de Sandra Guinle por meio de seu site e ficaram muito interessados por sua história pessoal.

Os alunos estavam muito agitados dificultando os diálogos sobre as esculturas, mas conseguimos conversar sobre as técnicas que a artista usava para produzir as obras e também sobre sua infância. Foi interessante observar a relação que uma das crianças fez ao comentar a presença de adultos nas esculturas que para ela remetia a participação dos pais nas brincadeiras e ao fato dos adultos já terem sido crianças. Mesmos muitos dispersos os alunos mostraram interesse por algumas peças como “Pulando Foguinho” e “Contando estrelas” que eles achavam que teria um tamanho maior que o real por conta das imagens das internet. Outra obra que teve bastante diálogo foi “mamãe, eu e a lua” em que muitos alunos ficaram intrigados com as formas das personagens e o fato de que elas não tinham rosto. Uma das crianças colocou que a artista não colocava por ser difícil “desenhar” naquelas proporções (muito grandes ou muito pequenas) e outro afirmou que Sandra Guinle não colocava rosto porque ela estava “falando” de todos que já tinham feito àquelas brincadeiras.

Foi observado que as professoras que acompanhavam o grupo estavam bastante preocupadas com a disciplina do grupo, pois a todo o momento pediam para que os alunos prestassem atenção à mediadora, porém o a percepção das obras, pela própria intencionalidade ao contato, ao toque direto e manuseio demandam de um ritmo diferente ao de outras exposições, alunos ficaram empolgados por poder tocar nas obras

e falavam bastante sobre suas impressões, a textura da escultura, as lembranças de brincadeiras que faziam na escola ou em casa, as assinaturas da artista, no final da mediação os alunos ficaram livres pra explorar sozinhos a exposição e acabaram criando uma brincadeira de “caçar as Sandra Guinle” (procurar o nome da artista na obra). Não conseguimos ver todas as obras, mas a mediação foi bastante proveitosa no sentido de que os alunos tiveram autonomia (dentro do possível) de ver as esculturas e puderam colocar bastante suas percepções.

Data: 23.05.2017

Horário: 9:00 às 10:30

EMEF Professor Aldina Conde

Mediação da Exposição Cenas Infantis – Sandra Guinle

Número de crianças: 38 alunos

Faixa Etária: 06 anos

Dividimos alunos em duas turmas de 19 alunos para dois momentos de mediação, oficina de brinquedos (balangandã e história do barquinho de papel) e a visita à exposição Cenas infantil da artista Sandra Guinle.

Na exposição à primeira turma estava bastante agitada, mas passaram por todas as obras da artista, ficaram impressionados com o tamanho das obras e sua técnica de produção. Eles não tinham um conhecimento prévio da exposição e ouviram bastante as colocações dos bolsistas. Um momento interessante foi à interação deles com o espaço percebendo as brincadeiras que observaram e poderiam fazer ao ar livre e relacionaram a parte verde da FEUSP com o espaço que a artista brincava na sua infância.

No percurso entre a sala da visita e a sala de oficina o bolsista (Juarez) perguntou como eles poderiam brincar no espaço pensando nas obras e rapidamente eles identificaram os ladrilhos do caminho como uma amarelinha e brincaram. Fizemos também uma pequena contação de histórias relacionando a obra “mamãe, eu e a lua” com alguns movimentos corporais.

O segundo grupo explorou as esculturas da Sandra principalmente a ciranda e a estrela cadente. Como eles observaram muito rápido as obras fizemos uma brincadeira em que

eles deveriam encontrar algumas brincadeiras que as esculturas mostravam e foi bastante interessante ver a discussão das crianças sobre se olhar as estrelas era ou não uma brincadeira. Elas também desconheciam o que era o carrinho de rolimã e não achavam o brinquedo, pois pensavam que era um skate. Esse grupo passou também pela exposição Brincar ou ensinar, mas não fizemos a mediação, eles queriam muito olhar o cervo e a maquete dos planetas.

Os alunos de forma geral pareciam dispersos, mas estavam apenas interagindo com a exposição no ritmo deles, pois quando questionados sobre algum ponto respondiam de forma criativa e dentro do esperado. Mesmo sendo novos eles já liam muito bem e tentavam entender a relação entre a legenda e a obra.